



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS
Departamento de Educação Física – DEF
Coordenação do Curso de Educação Física – CCEF



XIII SEMINÁRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA URCA

Relato de Experiência

CONSTRUINDO PONTES NA EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO E FOMENTO DE UM AMBIENTE ACOLHEDOR

Autores (as): Francisca Clarice Pereira da Silva Leite, Maria Patrícia de Sá, Rejane Vitorino Bezerra e Valéria Bezerra Bernardo.

E-mail: clarice.leite@urca.br, maria.patricia@urca.br, rejane.vitorino@urca.br, valeria.bernardo@urca.br.

Orientador(a): Lis Maria Machado Ribeiro Bezerra, e-mail: lismaria.bezerra@urca.br

RESUMO

O estágio supervisionado, tem como ponto central propiciar aos graduandos o desenvolvimento de conhecimentos teóricos e práticos. No cenário educacional contemporâneo a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física tem se tornado um tema bastante relevante e complexo. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é relatar a experiência de ministrar aulas de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental. No decorrer das aulas, mas especificamente em uma turma do 7º ano, nesta sala havia dois alunos com TEA, os quais mostravam certa dificuldade para realização de algumas atividades nas aulas práticas de Educação Física. Em geral, a turma apresentava uma certa relutância na inclusão desses alunos, muitas vezes deixando-os de fora das atividades. Assim, compreender a importância de ambientes inclusivos vai muito além do acesso às atividades, refere-se a garantia de oportunidades equitativas que respeitem individualidades e fomentem a aceitação no âmbito escolar.

Palavras-chave: Estágio, Estratégias, Inclusão, TEA.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado, tem como ponto central propiciar aos alunos o desenvolvimento de conhecimentos teóricos e práticos, desenvolvidos no período de graduação, dentro das instituições da rede pública e/ou privada. Seguindo essa linha, o estágio tem por finalidade:

[...] propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso. As autoras defendem uma nova postura, uma redefinição do estágio que deve caminhar para a reflexão a partir da realidade (PIMENTA; GONÇALVES, 1990 apud PIMENTA; LIMA, 2012, p. 45, grifos do autor).

No cenário educacional contemporâneo a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física tem se tornado um tema bastante relevante e complexo. O TEA compreende condições variadas e comuns aos seres, dentre eles o desenvolvimento social e comportamental onde surgem desafios únicos para ambos os lados, professores e estudantes.

Moreira (2023) define o Transtorno do Espectro Autista ,como:

(...) uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento e o comportamento social, de comunicação e comportamentos repetitivos. As pessoas com TEA apresentam dificuldades em se comunicar, interagir e compreender a linguagem e ações sociais, bem como apresentam comportamentos repetitivos e estereotipados. (Moreira, 2023 , p.21)

Diante dos aspectos citados, Dias reforça que

É na Escola que as crianças desenvolvem os seus primeiros aprendizados, suas primeiras experiências sociais e interação com crianças da mesma faixa etária. Logo, devem ser claros os benefícios de um trabalho inclusivo nas aulas de Educação Física por proporcionar, ao aluno com TEA, um melhor desenvolvimento em termos de integração social e desenvolvimento motor, habilidades de antecipação a circunstâncias comuns a todas as crianças, habilidade benéfica para seu desenvolvimento social, afetivo e intelectual. (Dias, 2020, p.11)

Assim, compreender a importância de ambientes inclusivos vai muito além do acesso às atividades, refere-se a garantia de oportunidades equitativas que respeitem

individualidades e fomentem a aceitação no âmbito escolar. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é relatar a experiência de ministrar aulas de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental em meio a contextos diversos. Porém, alcançar essa inclusão efetiva requer um conhecimento mais aprofundado sobre o TEA e práticas pedagógicas que atendam essa diversidade.

A justificativa para a realização deste trabalho é, além da relevância do tema para a Educação, este será o requisito final para a aprovação na disciplina de Estágio Supervisionado III, do 6º semestre do curso de Licenciatura em Educação Física, na Universidade Regional do Cariri-URCA.

Sendo assim, formulamos o seguinte questionamento, provenientes das nossas práticas no estágio: De que maneira pode ser promovida a inclusão efetiva de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de educação física, abordando as atitudes excludentes dos próprios alunos e criando um ambiente mais acolhedor e integrador?

DESENVOLVIMENTO

A procura pela instituição onde seria realizado o estágio foi frustrante, porque as escolas públicas demandam um pouco mais de espera diante da liberação feita pela Secretaria de Educação. Nesse período, a Universidade (URCA) entrou em greve tornando esse tempo de espera ainda mais longo e cansativo, diante deste percalço optou-se pela procura de escolas na rede privada, nas quais têm uma menor disponibilidade de acesso para atividades como esta.

Entretanto, apesar de todos os contratempos, encontramos uma instituição de ensino privado localizada no bairro Seminário, na cidade de Crato. A escola nos disponibilizou de seu espaço e tempo para realizar a disciplina obrigatória, Estágio Supervisionado III, que contempla as turmas de 6º, 7º, 8º e 9º ano. A realização do estágio, acontecia nas segundas e quartas-feiras, no período da manhã.

O estágio foi dividido em dois momentos, sendo que o primeiro foi destinado a observação das aulas ministradas pelo professor da instituição, com carga horária de 6h, em que o professor realizava tanto momentos práticos quanto teóricos. O segundo momento do estágio foi o período de regência, no qual os conteúdos trabalhados seguiam o planejamento

escolar. Nas regências, dentre os conteúdos trabalhados podemos citar os esportes de invasão: futsal, handebol e voleibol.

Os planos de aula formulados tinham uma duração de 50min e dividiam-se respectivamente, em 3 momentos, brincadeiras como forma de aquecimento, atividades principais baseadas na temática e jogo adaptado como forma de finalização. As aulas práticas foram trabalhadas em outro endereço, eram realizadas no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS localizado no mesmo bairro, pois a escola não oferece quadra de esporte ou um espaço amplo para os ensinamentos práticos das aulas de Educação Física.

No decorrer das aulas, mais precisamente na turma do 7º ano, havia dois alunos com TEA, os quais mostravam certa dificuldade para realização de algumas atividades. A turma como um todo tinha uma certa relutância na inclusão desses alunos, muitas vezes deixando-os de fora de atividades. Segundo Moreira (2023, p 19-20) “Muitas vezes, esses alunos enfrentam dificuldades para se adaptarem ao ambiente escolar convencional e acabam sendo excluídos socialmente, o que pode prejudicar seu desenvolvimento cognitivo e emocional.”

Diante deste cenário, nós como mediadoras desse processo pedagógico, procuramos estratégias para inclusão e socialização entre ambos, buscando a melhor forma possível de incentivá-los, pois como já estudamos o professor deve ser o mediador capaz de buscar soluções diante das necessidades coletivas e individuais que seus alunos podem apresentar. Como afirma Mittler (2003)

A rua de acesso à inclusão não tem um fim porque ela é, em sua essência, mais um processo do que um destino. A inclusão representa, de fato, uma mudança na mente e nos valores para as escolas e para a sociedade como um todo, porque subjacente a sua filosofia, está aquele aluno ao qual se oferece o que é necessário, e assim, celebra-se a diversidade. (Mittler, 2003, p. 36).

Nesse sentido, torna-se visível a importância do papel de inclusão por parte dos colegas de classe e do professor, mesmo que por vezes esses alunos não quisessem ter uma participação ativa nas aulas de Educação Física, cabe a eles incentivar. Apesar de que tenhamos feito atividades que incluísse a todos, essa resistência em participar permanecia fortemente por parte de ambos os lados.

A inclusão das crianças com TEA podem ser promovidas de diversas formas a partir de estratégias inclusivas, com a elaboração de atividades lúdicas capazes de auxiliar no desenvolvimento cognitivo e motor de todos os alunos. Era possível perceber um maior destes alunos em atividades que tinham movimentos repetitivos, porque ajudaram no

entendimento do aluno acerca do que se estava propondo com a atividade, de forma completa.

Além disso, o diálogo foi uma das estratégias usadas para mostrar que nas aulas não há distinção alguma sob as dificuldades que cada aluno apresenta, com ele foi possível abrir horizontes tanto para eles como para nós, que estamos adquirindo experiências para nossa futura profissão. Segundo Meneses (2020) :

A falta de utilização da linguagem como forma de comunicação funcional é um dos principais entraves para interação e socialização das crianças com TEA. Assimilar as regras para estabelecer uma comunicação efetiva não é uma tarefa muito fácil nem para aqueles que não apresentam nenhum tipo de transtorno, imagine para os que possuem. A comunicação efetiva exige a transmissão de uma informação, a recepção da informação, a assimilação, a compreensão e a resposta de quem a ouviu. (Meneses, 2020, p.185)

O nosso incentivo e supervisão para que os próprios alunos ajudassem os que apresentassem alguma dificuldade começou a surtir efeito, pois foi trabalhado, também durante esse período de regência, atividades que desenvolvessem o trabalho em equipe e a cooperação.

CONCLUSÃO

Nessa perspectiva, fizemos o possível para trazer estratégias inclusivas para que as crianças não fossem deixadas de lado nas atividades, e com o passar das aulas os próprios colegas se disponibilizaram a ajudar e incentivar os demais que apresentavam alguma dificuldades em quadra. Desse modo, nos sentimos realizadas pelo desempenho e empatia obtido progressivamente pelos alunos ao longo das aulas, já que os mesmos acabaram deixando um pouco de lado suas diferenças, fazendo com que as aulas de Educação Física se tornassem mais satisfatórias para todos.

Com base em nossas vivências, concluímos que é de suma importância o desenvolvimento e conhecimento sobre as características e individualidades de nossos alunos, buscando metodologias educacionais variadas que desencadeiam ambientes inclusivos e acolhedores, não apenas para crianças com TEA, mas para todos aqueles que uma vez inseridos em qualquer espaços como a escola tenham o entusiasmo de socializar e partilhar de momentos verdadeiramente memoráveis e significativos.

REFERÊNCIAS

DIAS, Hare Lis Amaral Barbosa; BORRAGINE, Solange de Oliveira Freitas. A inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física escolar. **Revista Expressão Da Estácio**, v. 3, n. 1, p. 11, 2020. Acesso em 26 de junho de 2024.

MENESES, Elieuzza Andrade et al. Transtorno do espectro autista (TEA) e a linguagem: a importância de desenvolver a comunicação. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, p. 185, 2020.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003, p.36. Acesso em 26 de junho de 2024.

MOREIRA, Beatriz Alves Campos. **Inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular**. p.21, 2023. Acesso em 26 de junho de 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/6099> .

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012.